

“Partido do Sarney” não vai sair mesmo

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

Não foi uma nem duas vezes. Foram muitas, em diversas oportunidades. Na primeira entrevista coletiva que concedeu à imprensa. Na reunião inaugural do Conselho de Desenvolvimento Político. No Congresso, ao visitar os presidentes da Câmara e do Senado. Nas múltiplas ocasiões em que recebeu jornalistas, separadamente, para o café da manhã, para almoçar ou para jantar. Até em seu sítio, para onde bissextamente se retira nos fins de semana.

Há seis meses, desde que assumiu a chefia do governo, o presidente José Sarney tem acentuado: não cogita da formação de um novo partido que lhe sirva de apoio. Não estimula nem vê motivos para reunir, numa nova legenda, segmentos partidários que mais de perto lhe dão ou lhe poderiam dar respaldo. Está satisfeito com o quadro atual, tendo na Aliança Democrática o seu pólo de sustentação política, já que PMDB e PFL formam ampla maioria parlamentar. Não recusaria, é claro, o apoio de outros partidos, se assim decidissem, mas jamais lhe passou pela cabeça trabalhar para a desarrumação do conjunto visando a retirar, dele, uma agremiação distinta.

Como presidente da República, não vê para que, nem de que maneira, contribuir para embaralhar as cartas, ainda mais se vai considerar encerrada sua vida pública ao término de seu mandato. Além do que, não crê em artificialismos, muito menos em soluções pessoais. Os partidos, por enquanto, são os que aí estão; podem, é claro, pela aplicação da nova lei, formar-se outros, ou desaparecer estes e incorporar-se aqueles. Tudo deve acontecer de maneira natural, funcionando as eleições como o grande juiz de todo o processo, ou seja, quem tem voto se habilita, quem não tem procure conquistá-lo.

Pois não adianta nada. Ainda que Sarney adotasse o costume de todas as manhãs convocar uma cadeia de rádio e televisão, repetindo que não pretende sair do PMDB, que presidente não muda de partido e que não será chamariz para a realização de interesses de grupos, permaneceriam os mesmos rumores e as mesmas ilações. Parece brincadeira.

Interessa, assim, prospectar por que e de onde partem as ilações e os rumores. Da imprensa não é, apesar de ela estar sendo posta no pelourinho, de algumas semanas para cá. Poderá haver um ou outro jornalista interessado em mudar para a política, temeroso de não conseguir legenda para candidatar-se em nenhum dos partidos atuais, mas será exceção. Os jornais registram o que acontece. Ficam nos fatos, ou na observação deles. E eles revelam, com invulgar simplicidade, partir dos diversos grupos partidários desajustados e em conflito a ansiosa reformulação casuística dos partidos.

No PDS, existem os que se sentem mal, pela companhia do deputado Paulo Maluf ou outra qualquer. Sua solução é aguardar um novo partido. No PMDB, as correntes ditas moderadas de quando em quando se ressentem da influência das

correntes mais à esquerda e, não podendo ameaçar com o controle da legenda, levantam a tese do novo partido. No Partido da Frente Liberal, basta que se registre um percalço, uma dificuldade ou uma previsão de crise para que logo, de todos os lados, apareça o apelo: melhor será trabalhar para o novo partido. Até no PTB, em vias de desaparecimento, ou mesmo entre os dissidentes do PDT, a conversa é igual. Não falta muito para que os desalinha-dos do PCB, do PC do B ou até do PCBR sigam a mesma trilha e clamem pelo “Partido do Sarney”.

Trata-se de fuga. De escapismo, para não dizer coisa pior. Algo como “eu vou chamar a mamãe” que os meninos repetem quando estão perdendo a briga na rua. Na realidade, não se trata de doutrina, muito menos de ideologia, fatores que deveriam embasar a formação de novos partidos. Nem mesmo da existência de categorias específicas, com interesses iguais. O denominador comum a dar sustentação à tese da criação do “Partido do Sarney” define-se pelo amuo, pela insatisfação e pela fraqueza pessoal ou de grupos em determinado momento entregues à lamentação.

Não se duvida de que muita coisa vai mudar, com o andar da caruagem. As eleições deste ano, mesmo restritas às prefeituras das capitais e algumas outras, as eleições gerais do ano que vem e, mais do que tudo, os trabalhos da futura Assembleia Nacional Constituinte servirão para definir rumos, aprofundar divergências e até desfazer alianças. Para muitos, o PMDB se dividirá, dada sua complexidade ideológica, como, para outros, o PFL não conquistará índios, dispondo, desde já, de muitos caciques. Existem os que preveem a implosão total do PDS, como os que se aferrem ao crescimento do PDT. Tanto faz. Os núcleos estão compostos e dificilmente deixarão de ser esses mesmos.

Vem dos vícios de 20 anos de ditadura o apelo à formação de um novo partido que tenha por base apenas o prestígio do presidente da República, sempre que dificuldades se apresentem. As raízes do raciocínio penetram fundo o terreno da exceção, ainda não devidamente arado para receber sementes de democracia. Foi assim que os donos do poder agiram, de 1964 até pouco. Não dava certo? Mudava-se tudo, por passe de mágica ou ato institucional. Valia o interesse, não o ideal.

A ditadura passou, mas muitas de suas posturas continuam. Suas tentações permanecem por aí, disfarçadas mas perceptíveis. Os descontentes de lá e de cá não perderam a esperança de ver resolvidos seus problemas por um ato do trono. Sugerem que o presidente José Sarney forme um novo partido, no qual poderão satisfazer seus interesses, controlar grupos em seus Estados e credenciar-se perante o poder.

Ledo engano. Porque o presidente José Sarney foge da idéia como o diabo da cruz, segundo, mais uma vez, revelou neste final de semana a pessoas com as quais conversou por longo tempo. Só que, no Congresso, vão continuar não acreditando...

C.C.